

PROJETO EDUCATIVO E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A PRESERVAÇÃO DA FLORESTA E FAUNA BRAVIA EM SUSSUNDENGA-MOÇAMBIQUE

MunossuiaEfremaMacorreia¹

Reinaldo Portal Domingo²

RESUMO

O estudo destaca o contributo das formas tradicionais na preservação da “floresta e fauna-bravia”, na perspectiva de inseri-los aos curricula educacionais, visando mudar a atitude das gerações vindouras face ao futuro ambiental, por isso, trabalhamos com as estruturas tradicionais locais de Sussundenga, para melhor compreender o legado tradicional local ligado ao ambiente, pois o objetivo é analisar a forma como a educação ambiental tradicional está sendo desenvolvida nas escolas primárias, secundárias e técnicas profissionais de Sussundenga e quais as dificuldades/limitações apresentadas pelas práticas aplicadas, visando identificar os problemas em sua operacionalização e implementação nas escolas através de um PROJETO EDUCATIVO. Porém, tomando em conta o tema, o objeto de estudo é o uso das formas tradicionais para uma educação ambiental sustentável. A metodologia usada foi a pesquisa descritiva, empírica e exploratória, de natureza qualitativa e quantitativa. Os resultados revelaram que as formas tradicionais de educação ambiental são vistas como algo irrelevante, dada a fraca divulgação dos usos e costumes tradicionais pelas camadas científicas, confirmando a hipótese na qual, a não implementação da EAT³ nas escolas faz com que os aprendizes desconheçam a relevância das formas tradicionais para preservação ambiental, ou seja, a temática não é transmitida nem de forma transversal, pois segundo os professores, isto acontece devido a não inserção dos conteúdos nos curricula que fazem referência a este aspecto. Logo, sugerimos que as escolas procurem adequar os programas ao contexto tradicional local, para que de forma pedagógica, criem mecanismos de lidar com EAT, com vista a incutirmos aos alunos novos hábitos de vida, sem devastação da florestas e fauna-bravia, facto materializado pelo PROJETO EDUCATIVO, como estratégia de mudança comportamental, para proporcioná-los um futuro ambiental sustentável

PALAVRAS-CHAVE: Educação Ambiental; Saber Tradicional; Conscientização e Preservação Ambiental

¹ Doutorando em Projecto

²Dr. em Educação, orientador de doutorado em Projecto

³Educação Ambiental Tradicional

ABSTRACT

The study highlights the contribution of traditional forms in the preservation of "forest and wildlife", with the perspective of inserting them into educational curricula, aiming at changing the attitude of future generations towards the environmental future, so we work with local traditional structures of Sussundenga, in order to better understand the traditional local legacy related to the environment, because the objective is to analyze the way in which traditional environmental education is being developed in Sussundenga primary, secondary and technical schools and what the difficulties / limitations presented by the applied practices, aiming to identify the problems in its operationalization and implementation in schools through an EDUCATIONAL PROJECT. However, taking into account the theme, the object of study is the use of traditional forms for sustainable environmental education. The methodology used was descriptive, empirical and exploratory research, of a qualitative and quantitative nature. The results revealed that traditional forms of environmental education are seen as irrelevant given the poor dissemination of traditional customs and by the scientific strata, confirming the hypothesis in which, not implementing EAT in schools causes the learners to be unaware of the relevance of traditional forms of environmental preservation, that is, the theme is not transmitted nor transversally, because according to teachers, this happens due to the non-insertion of contents in the curricula that refer to this aspect. Therefore, we suggest that schools seek to adapt the programs to the traditional local context, so that in a pedagogical way, they create mechanisms to deal with EAT, with a view to instilling in the students new habits of life, without devastation of the forests and wildlife, materialized fact by EDUCATIVE PROJECT, as a behavioral change strategy, to provide them with a sustainable environmental future.

KEY WORDS: Environmental Education; Traditional Knowledge; Environmental Awareness and Preservation

INTRODUÇÃO

O presente artigo, “Projeto educativo e sua contribuição para a preservação da floresta e fauna bravia em Sussundenga-Moçambique” é resultado da pesquisa realizada para usar as formas tradicionais de educação ambiental dentro da educação formal e desenvolver uma proteção sustentável do meio ambiente.

Este tema, suscitou interesse enquanto militar das Forças Armadas de Defesa de Moçambique e pesquisador no período entre (2005-2012), e a partir do contacto obtido com a realidade ligada à desagregação do meio ambiente, despertou maior curiosidade de conhecer mais as formas tradicionais ligadas a educação ambiental para a preservação dos recursos naturais advindos da flora e da fauna bravia.

Com este fim, houve um contacto directo com as estruturas tradicionais (régulos), estruturas administrativas (secretários dos bairros, chefes dos postos e localidades), professores e a comunidade em geral, na perspectiva de aprofundar sobre o uso das formas tradicionais para a proteção do meio ambiente, sobretudo dos recursos naturais da flora e fauna-bravia.

De acordo com a realidade vivenciada ou magnitude da degradação ambiental, descobrimos que as comunidades locais vivenciam problemas gravíssimos relacionados com a destruição da natureza, abatendo várias espécies arbóreas e animais para fins lucrativos como mecanismo de sobrevivência, de forma desordenada, sem respeito pela preservação e conservação destes, bem como da qualidade ambiental local para o futuro. Isto verificou-se no contexto em que mesmo em locais anteriormente considerados sagrados, a população faz e cria graves destruições, facto que se agravou com a guerra dos dezasseis anos, de (1977-1992), envolvendo as Forças Armadas de Defesa de Moçambique (FADM) e a Resistência Nacional de Moçambique (RENAMO). Em que a população viu-se sem escolha de locais para habitar, muito menos para sobreviver, o que contribuiu no desrespeito pelos costumes, preservação do legado. Aliado a este facto, várias espécies animais e vegetais encontram-se ameaçadas de extinção, como é o caso de uso de animais de grande e de pequeno porte para a obtenção de riquezas, por via da natureza, abate indiscriminado de árvores como umbila (*pterocarpus angolensis*), pau-preto (*dalbergia melanoxylon*), messassa (*julbernardia globiflora*), entre outras, visando a abertura das áreas para pastagens, agricultura, obtenção de madeira e das estacas para construções das habitações, destruição dos locais sagrados pelos guerrilheiros da Resistência Nacional de Moçambique (RENAMO), com fins de construções das Bases militares e outros fins.

Perante os factos acima, essa situação vem trazendo danos irreversíveis atualmente, pois nunca houve uma preocupação para manter intacta a riqueza natural, isto porque o comportamento humano está a tomar diretrizes assustadores sobre a natureza e o ambiente.

Perante a situação verificada e descrita nos parágrafos acima, surgem-nos o seguinte problema de investigação: -Como poderíamos inserir e usar os conteúdos das formas tradicionais de educação ambiental nas escolas primárias, secundárias e técnicas profissionais, para a conservação e preservação do meio ambiente (floresta e sua fauna-bravia) no Distrito de Sussundenga?

Nesta vertente, tomando em conta o tema em estudo e o problema levantado, o objeto de estudo é o uso das formas tradicionais para uma educação ambiental sustentável.

É neste pressuposto que se compreende de que a escola desempenha um papel de extrema importância na sensibilização e formação dos futuros aprendizes do capital humano, possibilitando-os a tomada da consciência ambiental (ARAUJO e SOARES, 2010).

Assim, este trabalho tem objetivo, analisar como a educação ambiental tradicional está sendo desenvolvida nas escolas primárias, secundárias e técnicas profissionais de Sussundenga e quais as dificuldades/limitações apresentadas pelas práticas aplicadas, visando identificar os problemas em sua operacionalização e implementação nas escolas através de um PROJETO EDUCATIVO.

Tal objetivo justifica-se recorrendo as ideias advogadas por Paiva e Ribeiro (2008) que dizem as produções científicas devem ser abase até certo ponto com a própria convivência prática, mas uma falta de preocupação por parte dos professores na lecionação dos conteúdos das formas tradicionais de educação ambiental na sala de aula, concorre para a desvalorização das estruturas tradicionais (detentores do saber tradicional).

Porém, para materialização do estudo, a partir da pergunta principal de investigação, traçamos algumas questões que nortearam o nosso foco em análise: -Quais as principais formas tradicionais de educação ambiental que poderiam colaborar para a preservação do meio ambiente (flora e fauna-bravia)? -Que impacto podem ter as formas tradicionais de educação ambiental na preservação dos recursos naturais (floresta e fauna bravia) em Sussundenga?

Em busca de fundamentos das reflexões acima, buscamos alguns documentos orientadores, para entender em que moldes podemos trazer respostas favoráveis ao estudo, onde consultamos o Decreto nº 30/2012, de Agosto da lei nº 11/2003, de 25 de Março lei da floresta e fauna bravia Moçambicana, que estabelece os princípios e normas básicas sobre a proteção, conservação e utilização sustentáveis dos recursos florestais e faunísticos. Onde detectamos que não se observa nenhum pormenor que liga as práticas ou formas tradicionais na preservação da floresta e fauna, sendo esta uma das lacunas observadas, pois a nossa pretensão não possui um instrumento orientador, algo que se estende aos currícula educacionais moçambicanos, visto que nada se observa sobre esta aliança entre as formas tradicionais e a educação ambiental, pois mesmo a própria educação ambiental não se coloca em foque, aparece inserido ou submisso aos conteúdos do meio ambiente, mas sem uma clara alusão da necessidade de educação ambiental tradicional.

Assim, o resultado desta pesquisa constituiu uma estratégia de maior relevância na obtenção de informações básicas para futuras pesquisas, pois a EAT constitui um instrumento para a promoção de proteção da natureza sem prejudicar o desenvolvimento social e económico, garantido o seu uso pelas camadas vindouras, partindo do foco tradicional, isto é, da intervenção da tradição na educação ambiental, envolvendo várias entidades, desde os líderes tradicionais locais, professores, alunos, comunidade em geral, governo e organização não-governamental (ONG) que lidam com a questão do meio ambiente.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa exploratório, descritivo e empírica, de natureza qualitativa e quantitativa. Utilizou-se, *apriori* a pesquisa exploratória objetivando compreender melhor de que forma a educação ambiental tradicional está sendo transmitida nas escolas primárias, secundárias e técnicas profissionais e verificar o seu grau de envolvimento e consciência sobre a responsabilidade dos diversos autores sociais frente a problemática ambiental que se vive na região em questão. Em seguida, realizou-se a pesquisa descritiva, que procurou, por meio das respostas dos informantes, averiguar o cotidiano das estruturas tradicionais (detentores do saber tradicional), estruturas administrativas (secretários dos bairros, chefes dos postos e das localidades) e professores sobre os fenómenos que contribuíram para a degradação do meio

ambiente (floresta com a sua fauna-bravia) na área em estudo. E através da investigação empírica, permitiu que o pesquisador registasse algumas informações empíricas obtidas através da entrevista semi-direta, junto as estruturas tradicionais, administrativas, camponeses, agricultores, empresários madeireiros sobretudo os professores. Foram todos interrogados sobre ideias, valores, crenças e medidas pedagógicas necessárias para a conservação das formas tradicionais de educação ambiental.

O propósito do uso da pesquisa exploratória, justifica-se pelo facto de que este tipo de pesquisa ter permitido proporcionar uma visão geral de um determinado fenómeno, do tipo aproximativo. Ela investiga as informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto. a pesquisa ou estudo exploratório, tem por objetivo “aumentar a compreensão de um fenómeno ainda pouco conhecido, ou de um problema de pesquisa ainda não perfeitamente delineado” (APPOLINÁRIO 2011, p. 75).

Este estudo é descritivo pelo facto de descrever as características de uma população ou fenómeno, ou estabelecimento de relações entre variáveis (GIL, 2008). Optou-se pelo estudo qualitativo com a finalidade de fazer uma descrição compreensiva e analítica de um grupo social, de uma organização etc (BOGDAN e BIKLEN, 2003) e quantitativo, pois atua em níveis estatístico, traduzindo em números, opiniões e informações para classificá-las e analisá-las (MINAYO, 2010). A população do estudo compreendeu os alunos da 5^a classe do EP1 (Ensino primário do primeiro grau) de Chimbua, da 7^a classe do EP2 (Ensino primário do segundo grau) de Sebezeira e da 8^a classe da ESG1 (Ensino secundário geral do primeiro ciclo) de Munhinga e professores das respectivas escolas. Com uma amostra composta por amostra 54 alunos e 12 professores. Em relação as estruturas tradicionais “régulos”, estruturas administrativas (secretários dos bairros, chefes dos postos e das localidades), caçadores, pescadores, camponeses, agricultores, empresários madeireiros, trabalhamos com pessoas com uma idade compreendida entre 25-100 anos como uma forma de termos maior fiabilidade da sabedoria tradicional, com uma amostra de 45, colhemos algumas sensibilidades sobre a situação ambiental que se vivência no local, com vista a perceber se estão conscientes do problema que se vive. Um dos aspectos que, a nosso ver, serviu como factor de limitação na pesquisa, foi a falta de interesse de algumas pessoas interrogadas, apesar de terem assinado o termo de compromisso para participarem na pesquisa.

Finalmente, para a realização da pesquisa e o diagnóstico sobre as condições locais da região, quanto à preservação da natureza e as formas tradicionais de educação ambiental, utilizamos a metodologia da investigação selecionada acima, com a apresentação dos “parceiros” participando da mesma, em seus diferentes níveis:

Tabela 1: Organograma da pesquisa

Instâncias superiores: o Governo Distrital e as Organizações não-governamentais (ONG), Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano e da Ciências e Tecnologia, Ensino Superior e Técnico Profissional



Instâncias intermediárias: comunidades locais, com suas estruturas tradicionais “régulos”, suas estruturas administrativas, seus secretários dos bairros, chefes dos postos administrativos e chefes das localidades mais a população: camponeses, caçadores, pescadores e agricultores, empresários madeireiros.



Numa instância inferior, e diretamente relacionados ao nosso trabalho de pesquisa, temos os professores e os educadores, nosso público-alvo.

Fonte: Elaborado pelo autor, (2016)

O organograma auxiliou para compreendermos claramente que, uma boa sustentabilidade e a implementação do nosso PROJETO EDUCATIVO usando as formas tradicionais de educação na região em questão seria necessário o envolvimento de vários setores como no caso das instâncias superiores, intermediárias e inferiores. Que teriam a responsabilidade pela elaboração de políticas e dos programas de educação ambiental tradicional envolvendo diversos atores além dos setores educacionais, estreitando a relação escola-comunidade e o enraizamento da educação ambiental tradicional com as suas formas tradicionais nos sistema de ensino.

CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

Evolução histórica da educação ambiental no contexto geral/universal

Nos últimos anos falar da educação ambiental, é o sinónimo de pensar antes de tudo na sobrevivência da humanidade tendo em vista as nossas necessidades primárias que são supridas por bens que derivam da exploração excessiva dos recursos naturais. Contudo, o conceito de educação ambiental a nível internacional tem sido considerado como instrumento salva-vidas que procura instrumentalizar as pessoas para um novo paradigma de pensar sobre o meio ambiente, dotando-os de conhecimentos, competências, valores e compromisso na resolução da problemática ambiental, local, nacional, regional e internacional.

Assim, foi precisamente em 1948 que se realizou uma conferência da União Internacional para a conservação da Natureza (UICN), e foi a partir dessa conferência que se trouxe pela primeira vez o conceito de educação ambiental para o mundo. (PALMER, 1998 e TEXEIRA, 1987).

Portanto, volvidos doze (12) anos, em 1960 iniciaram a emergir críticas ao modelo de educação tradicional e tecnicista, que preocupava somente na formação das pessoas para o mercado de trabalho e sem maior interesse com as questões de preservação ambiental. Com isso, a educação ambiental começou a ganhar maior relevância nas últimas duas décadas deste século.

Em face disso, em 1968 a UNESCO define que:

O meio ambiente deveria ser compreendido como uma junção de aspectos sociais, culturais e económicos que estão inter-relacionados. Cujo seu estudo centraliza-se nos aspectos físicos e progressivamente em meio ambiente mais distantes.

Perante esse facto, DIAS (1991), advoga que:

A consciência das mudanças ambientais, fez com que em 1972, a Organização das Nações Unidas (ONU) promovesse um encontro nos dias 5 a 16 de Julho na Suécia “Conferência da ONU, sobre o ambiente Humano” ou (Conferência de Estocolmo), como ficou conhecido a nível internacional, considerado como sendo um passo gigantesco histórico e político a nível mundial.

Foi nesta conferência que resultou como um “plano de ação internacional” tendo sido, dadas certas recomendações, que estabelecessem um programa internacional de educação ambiental, a partir do qual, a educação ambiental passava a ser considerada como um campo de ação pedagógica de maior interesse e relevante a nível internacional.

Assim, aliando-se ao estudo em epígrafe, surge a necessidade de dar continuidade com o preceituado na conferência internacional da ONU, não só, como estratégia de prevenção da natureza, partindo dos antecedentes históricos da nossa área de pesquisa, do comportamento socio-cultural local do público-alvo, mas também, com objetivo de produzir um trabalho educativo, destinado a um público de jovens e adultos e em todos os segmentos da sociedade local, para contribuir na mudança comportamental destes e dos demais sobre o meio ambiente, pois supomos haver uma necessidade extrema de uma educação ambiental.

Nesta óptica, na perspectiva de dar mais andamento aos problemas ambientais, em 1975, foi realizado o congresso de Belgrado, que reuniu especialistas ambientalistas de 65 Países, promovido pela UNESCO, definiu a educação ambiental como sendo um processo que visa:

(...) formar uma população mundial consciente e preocupada com o meio ambiente e com os problemas que lhe dizem respeito, uma população que tenha os conhecimentos, as competências, o estado de espírito, as motivações e o sentido de participação e engajamento que lhe permita trabalhar individualmente e colectivamente, visando resolver os problemas atuais e impedir que se repitam (...), (citado por SEARA Filho, G. 1987, p. 40-44).

Compreendendo o facto de o meio ambiente ser uma questão de ambição humana, segundo MUCELIN (2004), afirma que:

Foi a partir da revolução agrícola no século XVIII e XIX que a Europa deparou-se com muitos problemas ambientais pelo facto da destruição do meio ambiente, a partir daí que o homem ouviu pela primeira vez a falar da degradação e da extinção da floresta, fauna-bravia, poluição dos solos, do ar, por causa das queimadas descontroladas.

Diante desse pressuposto, começou a ser necessário que as escolas, participem desta educação com vista a terem uma atitude crítica, nos aspectos ambientais, bem como para que não se tornem passivos e conformados com a degradação do meio ambiente.

Educação Ambiental

Segundo CHALITA (2002, p. 34), *a educação ambiental é definida como uma ferramenta (instrumento) principal para a formação de novos conceitos, conhecimentos e mudanças de hábitos.*

Com base do pensamento do autor conclui-se que, é possível a introdução nos nossos currícula escolares os conteúdos relacionados com a educação ambiental tradicional com as suas formas tradicionais. Pois, estes serviriam como plataforma para aprendizagens no ato da reflexão da problemática ambiental da região em questão, oferecendo respostas ou ferramentas adequadas que possam contribuir adequadamente na mudança comportamental das comunidades locais no uso sustentável dos recursos naturais, de forma que as futuras gerações possam também usufruir destes benefícios.

Assim, acreditaríamos que a EAT é indispensável para manutenção do equilíbrio ecológico e conseqüentemente da vida das comunidades locais bem como da terra no geral.

Autores de diversas áreas de conhecimentos ambientais, como MEIRELLES e SANTOS (2005, p. 34), sustentam que:

A educação ambiental, não deveria ser tratada como se fosse brincadeira com crianças, que é lembrada nos dias do meio ambiente, mas deveria ser vista como um trabalho que necessita maior envolvimento e participação de todos na resolução de problemas ambientais.

A partir da reflexão dos autores acima citados tornaria importante destacarmos que, a EAT deveria ser compreendida constantemente, como instrumento que participa no desenvolvimento de habilidades, valores, atitudes, competências etc. Voltada para a preservação da consciência e sensibilização ambiental.

Assim, a concepção da EAT na região em questão deveria ser colocada em prática na qual poderia ser desenvolvida tanto num ambiente formal dentro da escola, informal “nas conversas na rua, lojas, praias em casa ou núcleo familiar, etc, e esta duas formas (formal e informal) através do diálogo em sintonia com os ideais da construção de uma sociedade socialmente justa e ambientalmente sustentável.

Assim, os processos de educação ambiental “formal e informal” têm em comum a ideia de que é urgente no distrito, a formação de cidadãos conscientes e capazes de tomarem decisões coerentes para a vida das comunidades locais.

E segundo FIGUEIREDO (2004, p. 21):

A educação ambiental, deveria ser reconhecida em toda a sua amplitude, envolvendo aspectos históricos, antropológicos, sociais, culturais e naturalmente ecológicos enfim políticos, na medida que são decisões políticas que definem as ações que afectam o meio ambiente.

Nesta perspectiva, a educação ambiental não se trata de uma educação especial, diferente das outras educações. Pois, para a sua materialização contínua e permanente no processo de ensino-aprendizagem na região em questão, necessita do envolvimento da escola, estruturas tradicionais (régulos), estruturas administrativas (chefes dos postos, das localidades e secretários dos bairros), os governantes, ONG (Organização não Governamental), a comunidade em geral, etc.

Educação ambiental tradicional

Partido da posição de MULHAISSE (2002, p. 31), professor moçambicano de educação ambiental da Universidade Pedagógica da Beira, afirma que *a educação ambiental tradicional deixou de ser transmitida com a mesma amplitude. Pois, verificou-se desprezo às comunidades tradicionais que praticavam na gestão dos recursos naturais.*

Isto quer dizer que, enquanto não reconhecermos as comunidades tradicionais como parte integrante da sustentabilidade ambiental, não será possível falarmos da preservação dos recursos naturais da região em questão.

É diante disso que DIAS (2004), declara que:

É uma forma de evocação usada para construir “valores, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências” voltadas para a conservação dos recursos naturais através dos tabus, práticas mágico-religiosas e outras formas tradicionais.

A partir da análise deste autor, mostra-se que a educação tradicional local pode estar ligada às formas de ligação ou uso dos recursos ou elementos naturais preservados, culturalmente, daí que se pode dizer que há necessidade de uma educação ambiental tradicional destes, para que façam o uso correcto do meio ambiente e da natureza sagrada, segundo os costumes, sobre a (floresta e fauna-bravia local).

O papel da escola na educação ambiental

Segundo DIAS (2004, p. 80), fala sobre o papel da “escola” estabelecendo uma relação com a educação ambiental: *(...) as finalidades da escola, encontram-se concentradas para a mudança de atitudes, valores dos cidadãos para uma nova visão do mundo voltada para a preservação do meio ambiente (...).*

Ao abordarmos nesta pesquisa, utilizaremos concepções da “escola” que venham auxiliar na realização da nossa pesquisa, bem como princípios e abordagens do nosso tema junto ao público com o qual escolhemos trabalhar. Pois, ainda na perspectiva de DIAS (2004, p. 523), a concepção de “escola” é que *a escola não deveria constituir somente um lugar para inculcar conhecimentos, mas também, deveria servir como um lugar que possibilita a socialização com as comunidades tradicionais.*

Para o nosso entender, surge uma inquietação lançada pelo autor, pois a questão do meio ambiente e da educação devem andar em paralelo e sem fronteiras disciplinares, pois o meio

ambiente enferma a sociedade inteira e não apenas a uma área específica, por isso, chama a atenção de haver a aliança da tradição local, enquanto um processo de socialização, para educá-los como se educa nas diversas áreas, visando a formação do capital humano, e todos na luta pelo meio ambiente.

Este aspecto, ressaltado pelo autor, ganha interesse na abordagem do nosso trabalho pelo facto de se ter como propósito, o “TRABALHO EDUCATIVO”, como veículo para que a escola lide efectivamente com o meio ambiente, como um papel a ela inerente, algo que sujeita a uma integração deste elemento nos curricula.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta fase procuramos de forma resumida, trazer as respostas das questões avançadas anteriormente, colocadas como foco ou norteadoras do nosso estudo, vejam-se a seguir:

Principais formas tradicionais de educação ambiental em Sussundenga

Diante dos dados do campo, constatou-se que no Distrito de Sussundenga, existe uma diversidade de etnias, destacando-se: Téwe, Manyka e Ndaus, cujas formas de convivência de vida caracterizam as relações harmoniosas que estes apresentam com o ambiente (floresta e fauna-bravia). Os Téwes, habitam o Centro e o Norte do Distrito de Sussundenga, e o seu núcleo central é Morribane. Os Ndaus, ocupam a zona Sul do Distrito, cuja expressão máxima se encontra no posto administrativo de Dombe. Os Manyka ocupam a faixa Ocidental, ao longo da fronteira com Zimbabwe, estando o seu núcleo em Rotanda.

Estes grupos sociais ou etnias tem como formas tradicionais de educação ambiental, os seguintes meios de expressão cultural e religiosa: os contos, tabus, as práticas mágico-religiosas etc.

Contos

Segundo “a tradição oral” com origem na transmissão dos mais antigos, contos são narrados em qualquer lugar, mediante as necessidades educacionais de cada circunstância e momento durante ao período da noite e em volta da fogueira “shira”. A sua transmissão parte dos mais velhos para os mais novos, ensinando as crianças a aprender o valor da conservação do meio ambiente (floresta e fauna-bravia), O conto desempenha o papel crucial de despertar a noção imaginária popular de responsabilidade comum para com a natureza, das árvores sagradas e animais históricas, possibilitando o respeito íntegro sobre os mesmos

Tabus

O papel dos tabus nesta pesquisa, surge como forma de educação ambiental tradicional, a partir do vivenciado no local, eles têm a função social de proibição ou de interdição, por meio de

mecanismos de persuasão que inibem aos vindouros procurar explicações ainda novos, pois a idade adulta os espera para interpretar ao razão da proibição, como descreve a tabela 2 abaixo. O seu uso é justificado pela forte carga persuasiva que incutem na população o medo, respeito, reverência de espaços e espécies naturais, algo que faz parte da EAT, pois ela é dogmática e visa manter a convivência com o meio natural (floresta e fauna-bravia).

A tabela 2: Agrupamento dos tipos de tabus, sua caracterização e utilidade ambiental

Tipos de tabus	Caracterização	Utilidades ambientais
Tabus sobre a prática agrícola/floresta	O Mambo Kupenha (chefe religioso), afirmou o seguinte: -Não se deve fazer “machambas” nos locais sagrados que se destinam aos cultos mágico-religiosos; -Não derrubar árvores nem apanhar lenha nos cemitérios e nem fazer “machambas” nas suas “bermas”; -Não cortar árvores grandes, como o caso de “Imbondeiro” com nome científico (<i>Adansonia Digitata</i>), pois, constituem locais de propiciação dos espíritos “ <i>adzimus</i> ”.	Estes tabus, apesar de serem expressos em forma de um “mandamento” “não fazer machamba” representado uma conduta moral do indivíduo contribuem para a regeneração da floresta, a modificação do clima e a manutenção dos ecossistemas ecológicos na terra etc.
Tabu referente a caça e pesca	-Não matar certos animais como: Pangolim “ <i>Halakavuma/khaka</i> ”, pois simboliza a bonança e é mensageiro dos espíritos sobre a paz, harmonia e boa produção; - Não matar o leão, pois, encarna os antepassados sob pena de trazer para a região pragas incontroláveis de herbívoros e outros insectos que devastam as culturas em amadurecimento. - Não pescar em lagoas sagradas antes de pedir autorização aos antepassados sob pena de levar açoitadas com os espíritos	O seu ensinamento consiste na preservação de certas espécies animais ameaçadas de extinção como no caso do leão, pangulim e outras. Como resultado desta forma de proteção “imposta” culturalmente ao homem, através da tradição, contribui para maior produtividade quer da fauna selvagem quer da fauna aquática, mantendo seus níveis de existência na região em questão.

Fonte: própria, a partir dos dados da pesquisa do campo, (2015)

Práticas mágico-religiosas

As práticas mágico-religiosas constituem momentos desta ligação com o Mundo dos antepassados “*adzimus*” e elas são efectuadas em lugares sagrados. Neste contexto, realçamos que na concepção mítica, existe uma simbiose entre o homem e a natureza no campo das suas atividades. A título de exemplo, o tempo para pescar, caçar, e plantar uma determinada cultura de milho, a exemplo da “mapira nas machambas”, é marcada por mitos ancestrais, pois reconhecem que é com base nele que trazem o necessário para a sua subsistência. Existe assim, uma rica tradição de educação ambiental baseada na mitologia, nos contos e nos tabus.

Nesta perspectiva, o uso sustentável do meio ambiente (flora e fauna-bravia), da região em estudo, está directamente ligado com mitos, regras, valores e conhecimentos, que definem a maneira e os períodos em que tais recursos seriam utilizados como descreve a tabela 3.

Tabela 3: Locais sagrados, resultados, suas utilidades para o meio ambiente

Locais sagrados	Resultados	Utilidades para o ambiente
	Mambo <i>Kupenha</i> , apontou o monte <i>Nhangudzwe</i> como sendo um local sagrado onde se efetuavam as cerimónias da chuva conhecida por “ <i>macoto</i> ”. Esta cerimónia consistia em fabricar bebida “ <i>doro</i> ”, de “ <i>mapira</i> ” “ <i>mapfunde</i> ”, levada para o alto da montanha e numa frondosa árvore decorre o rito de petição da chuva “ <i>kudira</i> ”. Numa floresta proibida de derrubar árvores e fazer “ <i>machambas</i> ” nas suas “ <i>bermas</i> ”.	Estas práticas são importantes para o meio ambiente, pois participam ativamente na modificação do clima, manutenção do equilíbrio hidrológico, evita a degradação dos terrenos, protege as culturas, corrige o terreno, etc.
N'thuramire	Em <i>N'thuramire</i> , existe uma nascente nas montanhas, onde existem uma lagoazinha que existe muito peixe e há um mito segundo o qual vive naquelas águas um velhinho de vestes brancas que protege a nascente. Aqui fazem-se cerimónias com bebida “ <i>doro</i> ” e se alguém quiser pescar, ajoelha-se, bate palmas e evoca os espíritos. Ao indivíduo, só lhe é permitido tirar quatro ou cinco peixes. Se ultrapassar, o sexto, será peixe seco e se continuar virão leopardos exortá-lo.	A lição aqui é tirada no número de peixe que o indivíduo pode pescar, ajuda a preservar a fauna aquática e o uso sustentável dos recursos existentes

Fonte: *própria, a partir dos dados da pesquisa do campo, (2015)*

Impacto das formas tradicionais de educação ambiental

A partir de nosso constato pessoal e experiência em contacto com o campo da pesquisa, junto das comunidades locais constatamos que as formas tradicionais de educação ambiental, possibilitam um conhecimento profundo das espécies animais e do seu habitat, dos hábitos e nichos ecológicos. Os tabus de proibição de circulação nocturna das pessoas associam-se aos animais de hábitos nocturnos e vespertinos. O indivíduo aprende a distinguir os animais raros como o pangolim “*Halakavuma*” dos demais, bem como, associar estes aos estados atmosféricos, se considerarmos que o pangolim aparece muitas vezes em épocas chuvosas ou próximo às chuvas. O ensino da fauna decorre em simultâneo com o ensino da fitogeografia. Pois, muitas formações vegetais constituem habitat dos animais. As formas tradicionais de educação ambiental, comportam em si um quadro admirável da nomenclatura das plantas e animais e os ecossistemas onde podem ser encontrados. Isto prova o argumento de que cada povo tem um acervo do saber sobre a natureza ao seu redor e precisa relacioná-los com as gerações futuras.

Ressalta-se que o dogmatismo pode trazer um impacto negativo na educação ambiental tradicional quando mal concebido e orientado, pois as decisões orientadas a ação, estando ligadas a conceitos fixos, ou seja, partindo da premissa do dogma (emanado da autoridade tradicional), não são permitidas indagar ou questionar sobre a razão ou motivos de aprender-se os contos, tabus e a mitologia. Porém, a pessoa aprende de forma passiva.

Assim, o dogmatismo limita o aprendiz nas operações formais do seu dia-a-dia, pois não lhe permitido fundamentar e explicar a causa e as conseqüências dos fenómenos em proibição para possibilitar a sustentabilidade do conhecimento ambiental, daí a razão da necessidade de uma intervenção pedagógica que o ajude a perceber as várias vertentes do interesse da aplicação desta sobre o meio ambiente (floresta e fauna bravia). Neste pressuposto, existe necessidade de

trazer um projeto educativo que possibilite a sensibilização a mudança das mentalidades e atitudes das comunidades locais onde os aprendizes atuam como agente ativo na formulação de projetos educativos e propostas pedagógicas adequadas com a realidade social, ambiental, cultural, política e económica locais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho permitiu a elaboração de um projeto educativo para o ensino primário, secundário e ensino técnico profissional e sua contribuição na preservação dos recursos naturais a partir das formas tradicionais de educação ambiental que tragam uma solução aos problemas relacionados com uma educação ambiental sustentável. Buscamos despertar a sociedade do Distrito em causa, para grande necessidade com o meio ambiente e com o futuro da nossa superfície planetária. Sendo o interesse do estudo de gerar novos conceitos, valores, atitudes, posturas e éticas, para a mudança de comportamento em relação ao meio ambiente, despertando-os um compromisso com a preservação dos locais sagrados, certas espécies de grande porte, temos a fundamentar que foi possível trazer algumas contribuições teórico-práticas ao grupo-alvo, para o futuro ambiental local.

Assim, a partir dos resultados obtidos, é possível tecer algumas considerações sobre as concepções dos professores das escolas primárias, secundárias e técnicas profissionais:

1^o) A partir dos dados do campo, ficou claro que as formas tradicionais de educação ambiental como: contos, tabus e práticas mágico-religiosas, como recursos didáticos importantes no ambiente escolar, são vistas como algo de pouca importância e são quase in-existent nos programas curriculares, confirmando a hipótese na qual, a não implementação da EAT nas escolas, sua divulgação pelos professores e órgão de comunicação social faz com os aprendizes desconheçam a importância das formas tradicionais de educação ambiental para a preservação e conservação do meio ambiente (floresta com a sua fauna-bravia), contribuído significativamente o fracasso do desempenho dos foruns de EAT nas escolas da região em estudo; **2^o**) Observamos convictamente que os professores estão munidos de conhecimentos em relação ao tema, mas ninguém teve a oportunidade de participar e nem são oferecidas algumas capacitações. Não basta apenas estar sensível às questões ambientais, é preciso estar preparado psicologicamente e instrumentalizado para enfrentar esse desafio; **3^o**) O outro aspecto que constatamos, existem alguns trabalhos feitos pelos professores ligados ao meio ambiente. Porém, nem todos professores discutem ou aplicam de forma transversal os conteúdos de educação ambiental tradicional nas salas de aulas, o que mostra a falta de uma interdisciplinaridade face ao tema, contribuído para o não interesse dos alunos sobre as questões de educação ambiental tradicional tendo em conta que eles não têm espaço durante as aulas para discussão acerca da temática de EAT.

Assim, existem muitos desafios, quanto ao sucesso que possam trazer as formas tradicionais de educação ambiental na conservação dos recursos naturais. Daí que, existe necessidade de trazer um projeto educativo acompanhado de medidas pedagógicas que possibilitem a interdisciplinaridade, a inclusão nos programas curriculares, capacitações dos

professores, valorização/divulgação dos conhecimentos tradicionais pelas camadas científicas e orgão de comunicação social, pois as iniciativas do Governo Distrital bem como Nacional não estão sendo exequíveis para a mudança do comportamento ambiental. Para tanto, houve maior necessidade de aliar os líderes tradicionais na ação de mudança comportamental das comunidades locais aquando a preservação da natureza. O objetivo fundamental é de elevar o nível às escolas e às comunidades locais, os conhecimentos necessários para a construção da cidadania ambiental sustentável, impondo algumas regras do uso racional dos recursos florestais e faunísticos.

Assim, este projeto educativo, traz consigo algumas fases ou diretrizes de ação para a sua materialização tendo em vista as áreas prioritárias. Com efeito, as estratégias a tomar em conta são:

Fase de auscultação: Nesta fase, o cerne tem em vista incitar debates públicos com auxílio da Lei Moçambicana do meio ambiente (Lei 20/97, de 1 de Outubro), que advoga que todo o cidadão tem direito de viver num meio ambiente equilibrado assim como o dever de o defender, com os agentes e intervenientes envolvidos na pesquisa, bem como os média, observando a problemática ambiental, ou seja, mostrando a perigosidade da falta deste uma mentalidade ambiental que se enraíza desde os mais velhos aos vindouros.

Fase de indução: Nesta fase, a preocupação seria de mostrar a ligação que a tradição possa desempenhar (contos, tabus, práticas mágico-religiosas, etc), na mitigação dos problemas ambientais, aliando aos conteúdos curriculares ou programas de ensino, onde o foco possa ser o aluno para a mudança do comportamento do adulto, aliando os líderes tradicionais ao contexto de aplicação para expandirem a mensagem desde o contexto sociocultural local até aos diversos sectores sociais.

Fase de inserção: O fundamental para esta fase, é procurar motivar aos atores superiores a necessidade de mudança de alguns paradigmas dos currícula de educação ambiental, para que haja uma disciplina, quer na formação do capital humano (formação dos professores), bem como nas disciplinas escolares onde os conteúdos de educação ambiental possam comportar alguma dimensão de natureza tradicional para a existência definitiva de uma educação ambiental tradicional no contexto formal.

Além desse aspecto, há que tomar em consideração os seguintes aspectos na execução das fases acima: -Floresta (preservação, exploração racional e sustentável dos recursos florestais); -Fogo (queimadas controladas quando necessário); -Caça legal (Respeito aos animais silvestres e domésticos); -Agro tóxico (evitar a salinização dos solos, uso duma agricultura de conservação); -Lagoas sagradas (evitar a poluição e manter a sua conservação e o seu uso racional). -Insistir no valor e na necessidade da cooperação local, nacional, regional e internacional com vista a prevenir a degradação ambiental, bem como as Mudanças Climáticas; -Aplicar um enfoque interdisciplinar, aproveitando o conteúdo específico de cada área de acordo com as etnias, de modo que se consiga uma perspectiva global da questão ambiental da região em questão.

Finalmente, pensamos que este trabalho é de carácter primordial para trazermos estratégias pedagógicas viáveis para o combate do dilema ambiental que se verifica, aliando duas

componentes (a ciência e a tradição), para o possível uso sustentável e consciente dos recursos naturais do Distrito em estudo, do país, do continente e do mundo em geral.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, M. I. O.; SOARES, M. J. N. **Educação ambiental: o construto de práticas pedagógicas consolidadas na pesquisa de professores em escolas públicas**. Aracaju: Criação A&C. 2010

APPOLINÁRIO, Fabio. **Dicionário de Metodologia Científica**. 2. ed. São Paulo: Atlas. 2011

BOGDAN, R. S.; BIKEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. 12.ed. Porto: Porto. 2003

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. São Paulo: Gente. 2002

Moçambique. **Decreto n.º 30/2012, de 1 de Agosto e n.º 11/2003, de 25 de Março**, que aprova o Regulamento da Lei de Florestas e Fauna Bravia. Moçambique: DOU, 2003

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação Ambiental: princípios e práticas**. 9a ed. São Paulo. Gaia. 2004

DIAS, G. F. **Educação Ambiental: princípios e práticas**. São Paulo: Gaia. 1991

FIGUEIREDO, J.B.A. **Pesquisa engajada e intervenção em educação ambiental diálogo**. In: ANPED, nº 27, Anais, Caxambú, MG. 2004

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas. 2008

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12ª ed. São Paulo: Hucitec. 2010

MEIRELLES, Maria de Sousa; SANTOS, Marly Terezinha. **Educação Ambiental uma Construção Participativa**. 2ª ed. São Paulo. 2005

MULHAISSE, R. **Texto de apoio de educação ambiental**. UP-Beira, Set. 2002

MUCELIN, N. I. S. VILAS BOAS, M. A. URIBE-OPAZO, Miguel Angel. SECCO, D. **Variabilidade espacial de atributos hídricos do solo; a inserção da engenharia agrícola em projectos nacionais.cd-rom; 1; 3; XXXIII congresso Brasileiro de Engenharia Agrícola**. São Paulo. 2004

PALMER, J. A. **Environmental Education in the 21st century- theory, practice, progress and promise**. London: Routledge. 1998

SEARA FILHO, G. **Apontamentos de introdução à educação ambiental**. Revista Ambiental, ano 1, v. 1. 1987

